

# OS PRIMEIROS POVOADORES E A POSSE DA TERRA NO VALE DO PARANAPANEMA

*Silvio Carlos Bray \**

---

## RESUMO

Para se entender o processo de ocupação humana e de exploração econômica do Norte do Paraná como um todo, é importante conhecer, primeiro, como foi que tal processo ocorreu no Vale do Paranapanema, onde na prática se desenvolveu o embrião da colonização regional. Neste artigo, o autor se preocupa em evidenciar os aspectos principais da colonização do Vale do Paranapanema, tanto do lado paulista quanto do lado paranaense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonização, posse da terra, frente pioneira.

---

## ABSTRACT

In order to understand the process of human occupation and the economic exploration of all north part of Paraná s, it is important to Know, first of all, how this process happened on the Paranapanema Vally. It had been in this valley, in eed, that the embryo of regional colonization developed. In, this piece of work the author tries to show. in a clear way, the main aspects of the Paranapanema s Valley colonization.

The author studies these aspects from both sides, Paranas and S. Paulo's.

**KEY-WORDS:** Colonization land occupation, pioneering front.

---

A primeira tentativa de povoamento no vale do Paranapanema ocorreu no início do século XVII, com a fundação das missões de jesuítas espanhóis com o intuito de reunir e catequizar os índios guaranis. Esta área se encontrava sob o domínio territorial espanhol. Esse esboço de povoamento não teve, no entanto, vida longa, pois no fim do século XVII as missões haviam sido destruídas pelos bandeirantes paulistas (Muller, 1956; 69/70).

Em meados e fins do século XIX, quando os exploradores brancos atingiram a área, esta se encontrava ocupada em vários setores pelos indígenas do grupo guarani, mais precisamente os Caiuás, Xavantes e Coroçados (Monbeig, 1952; 112/113).

A exploração da "posse da terra" no Paranapanema, deu-se a partir de 1850 com a penetração dos mineiros na área.

Muitos mineiros dirigiram-se para São Paulo onde os cafezais tornavam-se célebres, nas áreas do vale do Paraíba, contrafortes da Mantiqueira e Depressão Periférica; os outros adentraram para o sertão desconhecido do Planalto Ocidental Paulista (Monbeig, 1952; 116).

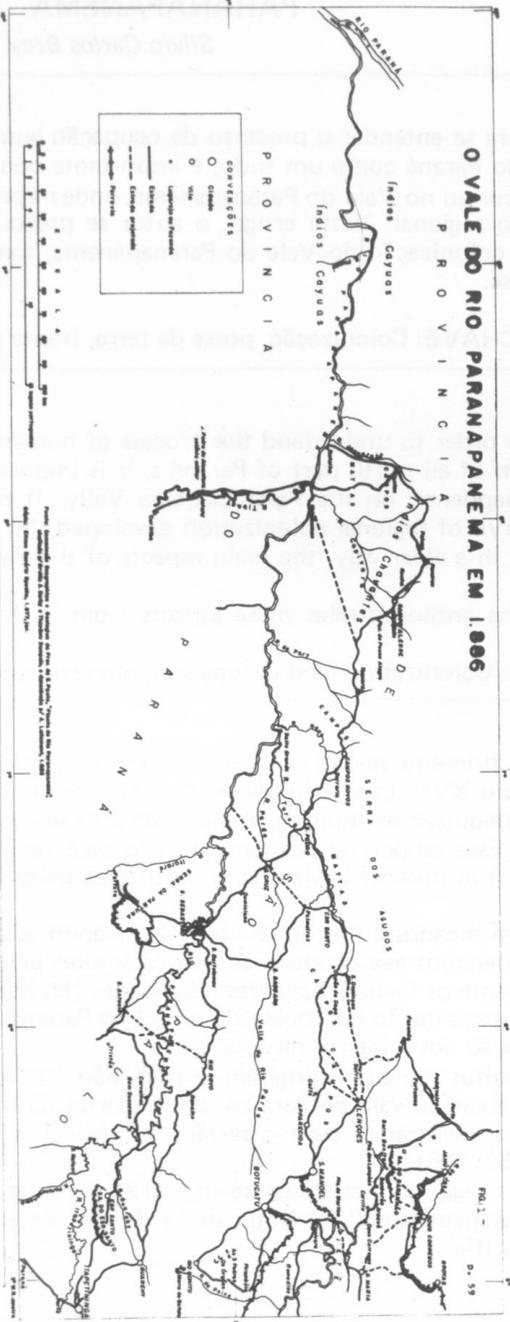
Na segunda metade do século XIX, a cidade mais importante na direção do "Sertão do Paranapanema" foi Botucatu, e depois desta, duas pequenas vilas: Lençóis e São Domingos (fig. 1).

---

(\*) Professor vinculado à UNESP, campus de Rio Claro, SP.

# O VALE DO RIO PARANAPANEMA EM 1896

P R O V I N C I A



PROVINCIA

Índios Cayuaes

Índios (Cayuaes)

PROVINCIA

FIGURA. Limitações do Rio Paranapanema

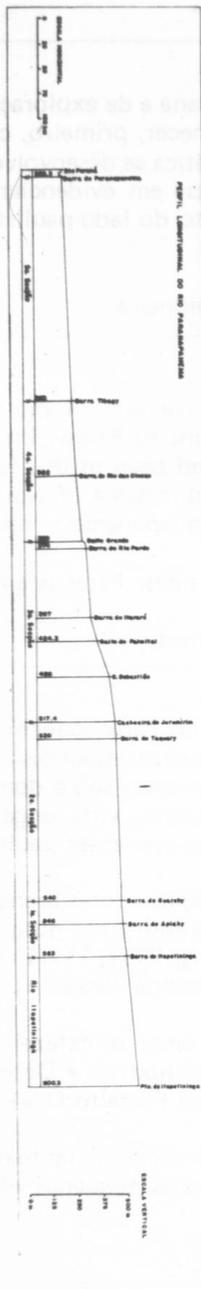


FIG. 1 - P. 59

Por volta de 1850, um lavrador mineiro de nome José Theodoro de Souza, de Pouso Alegre (MG), veio para a Província de São Paulo, com a finalidade de tomar posse de terras, na região do "Sertão do Paranapanema". De Pouso Alegre, passou por Mogi-Mirim e atingiu Botucatu. De Botucatu, José Theodoro de Souza atravessou as vertentes do Rio Pardo e as áreas dos campos de Lençóis e São Domingos, e atingiu as margens do Rio Turvo. O Rio Turvo era o limite das posses já tomadas por outros e a partir dele, o domínio dos guaranis. No prosseguimento de sua marcha além do Turvo, só poderia fazê-lo em duas direções: ou ir para as áreas de matas, rumo ao Rio Paranapanema (nessa direção a empreitada era temerária, por ser a área de matas onde refugiavam-se os guaranis) ou seguir para as áreas de campos, através da linha do espigão Peixe-Paranapanema (essa via era mais fácil de penetração e mais segura) - (figuras 2 e 3).

José Theodoro preferiu a direção dos campos (fig. 3) e com os seus acompanhantes atingiu as barrancas do Rio Pari. Neste local limitou sua posse e continuou sua penetração até o Ribeirão Figueira, pouco além da foz do Rio Tibagi. Regressando para Botucatu em 1856, declara os títulos de ocupação sobre uma "gleba" medindo 60 km de largura e 150 km de comprimento, que ia da barranca do Rio Paranapanema até o espigão divisor com o Rio do Peixe, e do Rio Turvo ao Ribeirão Figueira, cujas nascentes pertencem ao referido espigão (esta área correspondia ao território dos Xavantes).

Após a tomada de "posse legal" das terras (1), José Theodoro voltou para Pouso Alegre. Em Minas Gerais as primeiras pessoas que se dispuseram a acompanhá-lo ao Vale do Paranapanema foram, além da mulher e filhos, o cunhado, os genros e os irmãos.

Nas barrancas do Rio Turvo, José Theodoro de Souza fundou a povoação de São Pedro do Turvo, onde permaneceu a maior parte de seus dias. Posteriormente, fundou Campos Novos do Paranapanema e, mais tarde, no ano de 1886, fundou Conceição de Monte Alegre ou Vista Alegre (figuras 1 e 2).

A fundação do povoado de Campos Novos visava criar um núcleo em torno do qual se congregassem os futuros colonizadores, e durante muitos anos esta cidade transformou-se em "boca de sertão".

José Theodoro de Souza dividiu a sua gleba em aguadas. As aguadas eram terras compreendidas entre duas linhas de espigões, correspondendo a uma pequena bacia hidrográfica (figura 4), e a posse da água era um elemento fundamental e indispensável para toda a propriedade (Monbeig, 1952; 118).

A divisão da malha fundiária em aguadas, a disposição das vias de circulação carroçáveis, e a utilização do solo, estabelecidos pelos mineiros no sertão do Paranapanema, possuíam formas funcionais em relação às condições naturais, principalmente quanto às formas de relevo, tipos de vegetação, e aos recursos d'água - elemento indispensável para a fixação desses povoadores na área.

Sendo as formas de relevo constituídas de espigões amplos e suaves, as vias de circulação carroçáveis foram estabelecendo-se, primeiramente ao longo desses espigões, pelas facilidades naturais de penetração, e através dos domínios de campos e cerrados. Foi dos espigões que organizaram a exploração do solo, principalmente ao longo dos caminhos carroçáveis. As linhas de cumeadas dos espigões transformaram-se em limites para determinar as demarcações das aguadas (fig. 5).

---

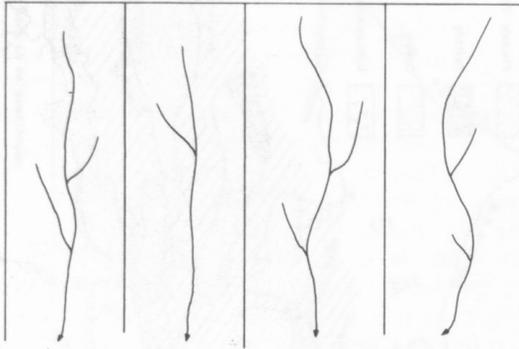
(1) A posse "legal" das terras devolutas feitas por José Theodoro de Souza é descrita por Cobra, (1923; 22/23).





ESQUEMA DA PRIMEIRA DIVISÃO DE PROPRIEDADES NO "SERTÃO DO PARANAPANEMA"  
 TIPO: AGUADA

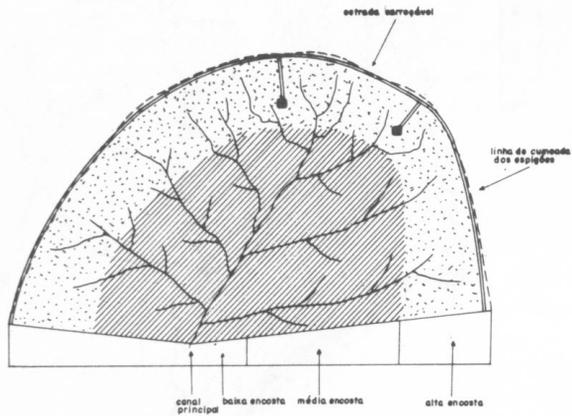
FIG.



Org.: S. C. Bray  
 Des.: E. S. Spoffo

ESQUEMA DA UTILIZAÇÃO DO SOLO EM UMA PROPRIEDADE  
 TIPO "AGUADA" NO SERTÃO DO PARANAPANEMA NO SÉC. XIX

FIG. 5



-  Área utilizada (criação e cultura de subsistência.)
-  Matas ou cerrados
-  Habitat

Org.: S. C. Bray  
 Des.: E. S. Spoffo

João da Silva Oliveira, parente de José Theodoro, penetrou além Ribeirão da Figueira (logo após a frente da fôz do Rio Tibagi, limite da gleba de José Theodoro), em direção às barrancas do Rio Paraná, tomando posse dessa área. Esse setor de João da Silva corresponde atualmente à Alta Sorocabana (1).

A área do Paranapanema Paranaense, até meados do século XIX, também manteve-se inteiramente à margem das correntes da colonização. Somente a partir dos meados do século XIX é que se processou o início da ocupação do Norte do Paraná (muito tímida, porém efetiva). Foi fundada a Colônia Militar de Jataí (com os aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo da Serra) era ligada por uma estrada a Curitiba, e tinha por função estabelecer ligação com Mato Grosso, agindo como posto militar avançado de proteção dessa vasta área, então ameaçada pelo ditador paraguaio Solano Lopes. Em frente à Colônia Militar, na outra margem do Tibagi, foi posteriormente fundada a Colônia de São Pedro de Alcântara (fig. 1) destinada a congregar os elementos civis da população, e que foi mais tarde unida a Jataí, constituindo hoje a cidade de Jataizinho. Esses centros de povoamento, postos avançados de colonização num sertão ainda não desbravado, mantiveram-se como pequenos povoados até início deste século, quando sob o impulso da colonização moderna do café, se reestruturaram (Muller, 1956; 71).

**Outra área do Norte do Paraná**, que teve o início de seu povoamento a partir de meados do século XIX, em direção ao Paranapanema, **ocorreu na década de 1860**, quando os mineiros cruzaram o médio e alto curso do Rio Itararé, tendo como base de penetração a zona paulista de povoamento antigo, à margem das comunicações com os Campos Gerais (fig. 2). Em 1862 iniciava-se o povoamento da Colônia Mineira (atual cidade de Siqueira Campos) cujo nome indicava a procedência dos primeiros povoadores. Os movimentos de penetração através do Itararé em direção ao Paranapanema se repetiram, e foram surgindo os núcleos de São José da Boa Vista (1867), Santo Antonio da Platina (1886), Carlópolis e outros.

Essa penetração de mineiros e paulistas no Norte do Paraná não chegou a atingir, durante o século XIX, o terceiro planalto ou planalto diabásico (área de terra roxa contínua), sendo que a zona visada por eles inicialmente, correspondia às formações permianas com numerosos diques e remanescentes da cobertura diabásica, que deram origem a manchas de terra roxa. O prosseguimento da ocupação das terras em direção ao Paranapanema não foi tão rápido como do lado paulista, pois a distribuição da rede hidrográfica não repetia, no lado paranaense, as mesmas condições. Os afluentes do Paranapanema, descendo dos Campos Gerais na direção norte, atravessam em "percées" a escarpa do terceiro planalto (cuestas). Portanto, os primeiros povoadores do lado paranaense não encontraram para suas penetrações os suaves espigões leste-oeste, existentes do lado paulista. Somente com a fundação de Jacarezinho (1900) e Cambará (1904), o povoamento atinge o terceiro planalto e as terras roxas contínuas do Vale do Paranapanema, quando a frente pioneira do café, avançando pelo oeste de São Paulo, já alcançava a área (Bernardes, 1952; 448).

No Sertão do Paranapanema, os mineiros, à medida que tomavam posse de suas "aguadas", além de desenvolverem as lavouras de feijão, milho, arroz, batatas e mandioca para o consumo, tinham como principal atividade econômica, a criação de bovinos, muares e suínos (Monbeig, 1952; 119).

---

(1) Esse assunto encontra-se no trabalho de Abreu, (1972; 20).

Como consequência do isolamento no sertão, os sertanejos sofriam da falta de remédios, sal e pólvora, e os contatos desses com os indígenas sempre foram violentos (Cobra, 1923; 139).

A descrição do modo de vida desses sertanejos é da expedição de Teodoro Sampaio realizada em 1886 no Vale do Paranapanema (fig. 1), que diz: "População escassíssima, quase nenhuma cultura a beira-rio, toda falta de recursos, maus caminhos, um deserto enfim" e continua, descrevendo o povoado de Salto Grande: "Neste sítio ergue-se agora pequena povoação na margem paulista, destinada a prosperar em vista da sua posição e boa qualidade das terras que a circundam, mas são ainda em pequeno número os seus habitantes, quase todos mui pobres, e com pequenas lavouras de cereais que apenas dão para o consumo local. Como lugar incipiente, não tinha ainda nesta data nem comércio, nem mesmo comunicação postal regular com os municípios vizinhos. Por toda a parte se nota sinal da presença do índio que nos espreita, mas que nunca aparece. As estreitas e compridas canoas atadas a pequenas varas à margem do rio, as armadilhas e laços no alto da barranca para a caça abundante e esquiva, uma pequena canoa tripulada que desponta ao longe, no fim do estirão, e que subitamente desaparece, tudo nos diz que estamos em pleno domínio dos silvícolas" e prossegue: "Após dois dias de marcha penosíssima através da espessa mata, apenas trilhada, alcançávamos a estrada de Campos Novos à barra do Tibagi (fig. 1), conhecida por estrada João da Silva, pela qual seguimos sem dificuldades até a região dos campos, onde agora mais se desenvolve a população destes sertões" (Sampaio, 1955; 48/49).

Durante a segunda metade do século XIX, o café que vinha fazendo a fortuna de São Paulo, era praticamente inexistente no "Sertão do Paranapanema", devido principalmente à precariedade dos transportes e à distância do Porto de Santos. Mas apesar de seu isolamento, o Vale do Paranapanema povoava-se lentamente, mesmo com as contínuas lutas de ocupação da terra contra os indígenas, e das dificuldades da vida na área.

Nos fins do século XIX e início do século XX, quando os plantadores de café começaram a penetrar no Vale do Paranapanema, encontraram uma rede urbana modesta organizando-se, e alguns núcleos urbanos servindo de ponto de apoio as plantações, caminhos abertos, a atividade criatória desenvolvida pelos mineiros que fornecia alimentação e animais de trabalho, além da posse da terra através das "aguadas". Para os plantadores recém-chegados com a marcha do café, os povoadores mineiros constituíram, no entanto, um obstáculo para a posse da terra; mas esse obstáculo acabou sendo contornado através de negociações, demanda, grilagem, ou por meio da expulsão dos antigos moradores (Cobra, 1923; 91/93) e (Monbeig, 1952; 125/128).

### c — Os Cafezais

Araujo Filho diz: "Conquanto explorações geográficas houvessem sido feitas em trechos os mais ocidentais do Estado de São Paulo, desde fins do século anterior, somente os cursos dos rios principais foram levantados até 1910. Ainda por volta de 1915 grande parte do Oeste Paulista está nos mapas sob a clássica denominação "Regiões desconhecidas e habitadas por índios". Salvo uma pequena área povoada desde meados do século XIX e onde hoje se encontram Santa Cruz do Rio Pardo e Campos Novos do Paranapanema, bem como os arredores da atual São José do Rio Preto, e que por muitos anos permaneceram como "bocas de sertão", o mais era mata, por qual todo o verdadeiro Oeste paulista" (Araujo Filho, 1956; 104/105).

No início do século XX, o café apresentava-se com grande expansão no Es-

tado de São Paulo, pois de 106 milhões de pés plantados em 1880, passou para 520 milhões em 1900, segundo Caio Prado Junior, ou 650 milhões, segundo Lalières (Monbeig, 1952; 96). Nessa época, o café ocupava quatro áreas geográficas bem definidas, sendo elas: **vale do Paraíba, contrafortes da Mantiqueira, depressão Periférica e o reverso da Cuesta** (principalmente o alto e médio Planalto Ocidental, com penetrações esparsas no vale do Paranapanema) conforme figura 6.

O reverso da Cuesta (principalmente o alto e médio Planalto Ocidental), com municípios de grandes extensões de terras roxas e arenitos, tornaram-se importantes produtores de café no início do século XX. Essas áreas cafeeiras novas do Planalto Ocidental foram, segundo Monbeig, responsáveis pela super-produção de 1904/1905 (Monbeig, 1952; 152). A crise cafeeira do início do século interrompeu em grande parte a marcha do café pelo Planalto Ocidental, pois de 1900 a 1909 o aumento dos cafezais foi de 150 milhões de pés, modesto em relação às duas décadas anteriores (Monbeig, 1952; 101).

A partir de 1912, com a diminuição progressiva dos estoques, recomeçaram as plantações de café em São Paulo, e estas ampliaram-se para o Planalto Ocidental paulista, principalmente no vale do Paranapanema. Os cafeeiros paulistas que perfaziam 720 milhões de pés em 1909, passaram para 828 milhões em 1918 e chegaram a 1 bilhão em 1927 (Monbeig, 1952; 101). A política de valorização do café, com as intervenções contínuas do governo, tanto Federal como Estadual, a partir de 1906 (após a crise de 1904/1905), procurou garantir permanentemente o preço e a produção do mesmo, estimulando novas plantações. Nessa conjuntura, o café continuou a sua marcha para o extremo oeste paulista e norte do Paraná.

A penetração dos cafezais pelo extremo oeste paulista a norte paranaense, a partir das primeiras décadas do século XX, ocorreu através das terras roxas e dos espigões areníticos.

No setor paulista do vale do Paranapanema, os cafeeiros localizaram-se principalmente nas áreas de terra roxa (áreas estas cobertas de matas desde a fase da penetração mineira na região), que se estendiam ao longo do rio Paranapanema, abrangendo Piraju, Ourinhos, Salto Grande e Assis, e atingindo posteriormente, os espigões areníticos da Alta Sorocabana (figura 7).

Em 1904, o governo paulista aproveitou o antigo caminho carroçável dos fins do século XIX, que ligava Campos Novos às barrancas do Rio Paraná, através do espigão Paranapanema-Peixe, e construiu uma estrada boiadeira. A execução dos trabalhos foi concluída em 1906, e o pequeno porto fluvial do rio Paraná recebeu o nome de "Porto Tibiriçá". Essa estrada boiadeira teve um papel muito importante na região, pois foi, durante as primeiras décadas de nosso século, o escoadouro dos rebanhos matogrossenses, cuja expansão se fez intensamente até o ano de 1921, data em que o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana chegou ao "Porto Tibiriçá" e estabeleceu a Estação de Presidente Epitácio (Giovannetti, 1943; 30/31).

A Estrada de Ferro Sorocabana atingiu as barrancas do rio Paranapanema em Piraju no ano de 1906, e posteriormente passa por Ourinhos em 1908, e atinge Salto Grande em 1909 (onde durante 5 anos se manteve como ponta de trilho). Em 1912 deu-se o início do ramal de Tibagi, indo de Salto Grande ao "Porto Tibiriçá" (Presidente Epitácio), ligando por ferrovia, os rios Paranapanema e Paraná. A expansão da ferrovia na área seguiu primeiramente as barrancas do rio Paranapanema, de Piraju e Salto Grande e, posteriormente, acompanhou a direção do espigão Paranapanema-Peixe, até as barrancas do rio Paraná. Os trabalhos de prolongamento da estrada de ferro foram





acompanhados pelas volumosas correntes de colonização. À medida que penetrava a estrada de ferro, a frente pioneira a acompanhava e povoava rapidamente as suas margens, de modo que, dentro em breve, os sacrifícios da construção eram compensados por um grande volume de transporte de passageiros e mercadorias. Foram surgindo, da derrubada das matas, várias cidades e vilas que se sobrepunham às antigas vilas e cidades fundadas pelos mineiros. Em 1914 surgem das estações da estrada de ferro, as cidades de Ibirarema, Palmital, Cândido Mota e Assis; em 1916 surgem Paraguaçu Paulista, Quatá, João Ramalho e Rancharia; em 1917, Presidente Prudente e, em 1922, Presidente Epitácio, às margens do rio Paraná (fig. 8).

Entre outros sacrifícios experimentados pelas populações pioneiras, destacava-se como dos mais violentos a malária, principalmente nas proximidades dos cursos d'água.

Esse grupo de cidades (de Piraju a Salto Grande) só foi possível às barrancas do rio pela inexistência do mosquito transmissor da malária, devido ser esse trecho ribeirinho encaichoado, não ocorrendo portanto, várzeas muito alagadas. Os espigões foram ocupados com maior intensidade devido a esses aspectos (1).

Araujo Filho diz: "Se as explorações e os levantamentos da Comissão Geográfica haviam mostrado os limites da área ocidental paulista, foram as estradas de ferro que de fato a penetraram, com a Noroeste à frente, seguida logo depois pela Alta Paulista, Alta Sorocabana e em nossos dias, pela Alta Araraquarense, todas em busca da baranca do Paraná" (Araujo Filho, 1956; 105).

No período de 1914/1918, durante a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, as velhas zonas cafeiras do Estado de São Paulo, impossibilitadas de venderem suas colheitas a preços remuneradores, apresentaram uma crise econômico-financeira, com fazendeiros tornando-se empobrecidos e os colonos que se transformaram em proprietários, começaram a enriquecer-se devido a alta de preços dos cereais (1). Giovannetti diz: "O Proletariado agrícola das áreas velhas do Estado, desejoso de transformar-se em fazendeiros ou pequenos e médios sítiantes, além dos fazendeiros tradicionais 'quebrados', emigraram para o vale do Paranapanema" (Giovannetti, 1943; 75/76).

A frente pioneira do café no sertão do Paranapanema, nas primeiras décadas do século XX, vai estabelecer uma nova paisagem (onde as áreas de matas vão desaparecendo pouco a pouco e os cafezais novos vão se ampliando), e uma nova organização agrária vai superpondo-se à ocupação mineira do século XIX. Esta nova força (formada e consolidada através das velhas e organizadas fazendas de café do leste) caracterizou a frente pioneira do sertão do Paranapanema, numa migração contínua de nacionais e estrangeiros (fazendeiros e colonos), alterando a malha fundiária anterior.

Com a penetração dos plantadores de café, grileiros e especuladores no sertão do Paranapanema, a primitiva malha fundiária (constituída em aguadas) estabeleci-

---

(1) O exemplo mais típico da fuga da beira dos rios pelos povoadores no oeste paulista, foi dado pela alta noroeste, onde Araçatuba foi a última cidade paulista naquela via de penetração, até meados da década de 30. Fato este, devido os trilhos se aproximarem da margem esquerda do rio Tietê a partir de Araçatuba, onde a malária era um fato positivo. Daí a construção da chamada "variante da noroeste", na citada década.

(1) As pequenas e médias propriedades ampliaram-se em São Paulo, desde a crise de 1904/1905, devido às várias partilhas de fazendas tradicionais cafeiras, e dos colonos que se tornaram novos proprietários (dessas pequenas e médias propriedades) muitos se dedicaram às culturas anuais.



da pelos povoadores mineiros, desmembrou-se e implantou-se a forma das fazendas tradicionais de café (conforme fig. 9).

Através do postulado do funcionalismo universal (Bray, 1977), que procura enfocar a persistência ou sobrevivência da forma e função dos elementos geográficos, podemos interpretar que essa nova malha fundiária que se implantou na área (através das fazendas de café) não alterou a forma das aguadas, mas sim, ocorreu uma superposição de um novo tipo de exploração do solo, com a **persistência ou sobrevivência da forma primitiva das aguadas** (conforme figura 9).

A forma das aguadas continuou a persistir através das fazendas de café, pois o que restou das estradas, caminhos e habitações, além das formas tradicionais de utilização do solo (a cultura de subsistência e criação de gado) **coexistiram e persistiram** juntamente com a cultura cafeeira.

De acordo com as colocações anteriores, houve uma superposição da ocupação cafeeira sobre a ocupação mineira, considerando que continuaram a persistir as propriedades de características tradicionais mineiras, conforme foi analisado por Teixeira (Paraguaçu Paulista, 1979).

As propriedades cafeeiras são demarcadas do espigão para o vale (não fugindo da forma inicial das aguadas), em forma de tiras largas ou estreitas (dependendo do tamanho, pois essas propriedades sofreram divisões e sub-divisões através do tempo), conforme figura 9.

Tanto a forma do relevo, como a disposição dessas propriedades (do espigão para o vale), possuíam **formas funcionais** para a exploração da cultura cafeeira. No topo dos espigões, como na alta e média encosta, predominavam os cafezais, e na baixa encosta e nas várzeas, dominavam as culturas anuais e criação (suínos e bovinos) conforme figura 10. O café no Estado de São Paulo sempre fugiu da baixa encosta, porque esse setor da propriedade cafeeira é o mais sujeito às geadas esporádicas dos meses mais frios de inverno (normalmente junho ou julho) devido a maior concentração noturna de ar frio nessas baixadas.

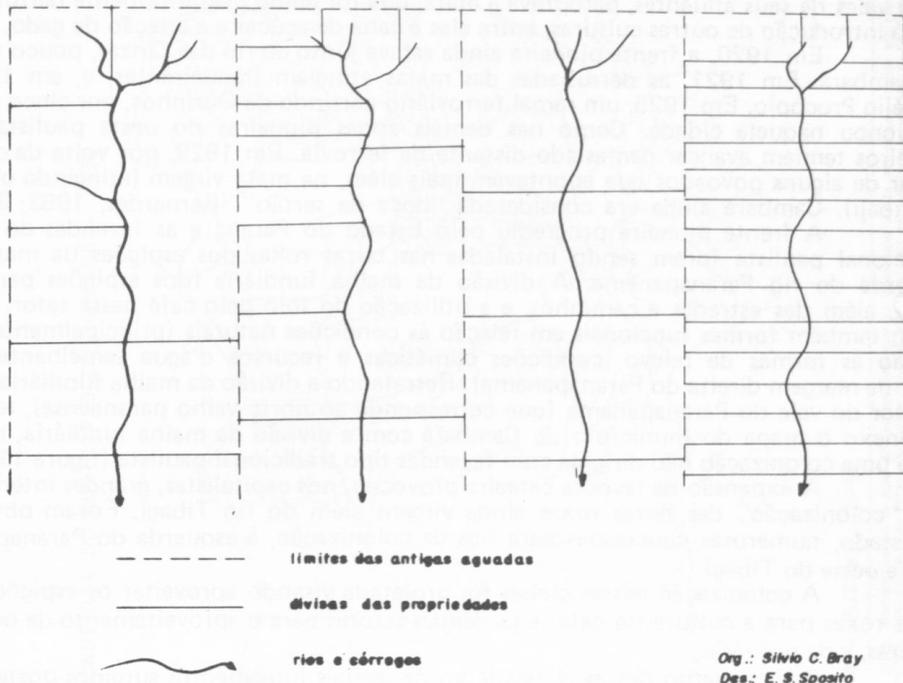
Enquanto, nas aguadas, a criação de gado e a cultura de subsistência dominavam os espigões e as altas encostas (figura 5), nas propriedades cafeeiras essas formas de utilização da terra continuam a persistir como atividade secundária na baixa encosta (figura 10).

Ultrapassando as fronteiras do Estado de São Paulo, a expansão cafeeira penetrou pelo norte do Paraná, levando em seu bôjo as características de seu avanço pelo planalto ocidental paulista, sendo portanto a ocupação das terras roxas pelo café no norte paranaense, um capítulo da história econômica paulista (Abreu, 1972; 36).

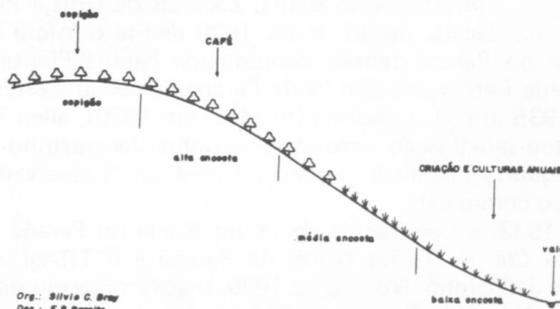
A primeira penetração vinda de Ourinhos para o norte paranaense ocorreu em 1904, quando os fazendeiros de café fundaram Cambará, constituindo-se na primeira etapa de penetração do Paranapanema para oeste, em direção ao vale do Tibagi (Bernardes, 1953; 358).

Após a fundação de Cambará (1904) no norte paranaense, a ocupação da área continuou a progredir com os fazendeiros de café vindos de São Paulo, através do Paranapanema. A segunda e terceira década desse século foi um período de grande expansão da cultura cafeeira no vale do Paranapanema (conforme explicação anterior). Nessa fase, a penetração do café no norte paranaense, originou um povoamento diverso do que se verificou no resto do Estado do Paraná. De fato não ocorreu, nessa área, a criação de núcleos isolados e independentes ao longo de um eixo que atravessa os baixos cursos dos afluentes do Paranapanema e os espigões amplos e suaves que os separam

TIPOS DE PROPRIEDADES CAFEIRAS NO VALE DO PARANAPANEMA FIG. 9  
 PAULISTA, RESULTANTES DO PARCELAMENTO  
 DAS PRIMITIVAS AGUADAS



ESQUEMA DA UTILIZAÇÃO DO SOLO DAS PROPRIEDADES CAFEIRAS NO VALE DO PARANAPANEMA FIG. 10



(onde se implantou a cultura cafeeira)-(Bernardes, 1953; 359).

O avanço da faixa pioneira se processava sem que a retaguarda estivesse totalmente ocupada, e vastas áreas foram deixadas em matas, à espera de uma valorização maior.

A penetração rápida da franja pioneira caracterizou-se pela abertura das fazendas de café, ao longo dos espigões e altas encostas. Às margens do Paranapanema e nos vales de seus afluentes, perdurava a mata, que foi sendo posteriormente derrubada para a introdução de outras culturas, entre elas a cana-de-açúcar e a criação de gado.

Em 1920, a frente pioneira ainda estava junto ao rio das Cinzas, pouco além de Cambará. Em 1921, as derrubadas das matas atingiam Bandeirantes, e, em 1924, Cornélio Procópio. Em 1925, um ramal ferroviário partindo de Ourinhos, por cinco anos estacionou naquela cidade. Como nas demais zonas pioneiras do oeste paulista, os pioneiros tinham avançar demasiado distante da ferrovia. Em 1929, por volta da crise, apesar de alguns povoados que apontavam mais além, na mata virgem (atingindo o vale do Tibagi), Cambará ainda era considerada "boca de sertão" (Bernardes, 1953; 359).

A frente pioneira progrediu pelo Estado do Paraná e as fazendas do tipo tradicional paulista foram sendo instaladas nas terras roxas dos espigões da margem esquerda do rio Paranapanema. A divisão da malha fundiária (dos espigões para os vales), além das estradas e caminhos, e a utilização do solo pelo café nesse setor, possuíam também **formas funcionais** em relação às condições naturais (principalmente em relação às formas de relevo, condições climáticas e recursos d'água semelhantes ao setor da margem direita do Paranapanema). Retratando a divisão da malha fundiária desse setor do vale do Paranapanema (que corresponde ao norte velho paranaense), temos em anexo o mapa do município de Cambará com a divisão da malha fundiária, refletindo uma colonização não dirigida com fazendas tipo tradicional paulista (figura 11).

A expansão da lavoura cafeeira provocou, nos capitalistas, grandes interesses pela "colonização" das terras roxas ainda virgens além do rio Tibagi. Foram obtidos do Estado, numerosas concessões para fins de colonização, à esquerda do Paranapanema e a oeste do Tibagi.

A colonização dessas glebas foi projetada visando aproveitar os espigões de terras roxas para a cultura do café, e os demais setores para o aproveitamento de outras culturas, e da pecuária.

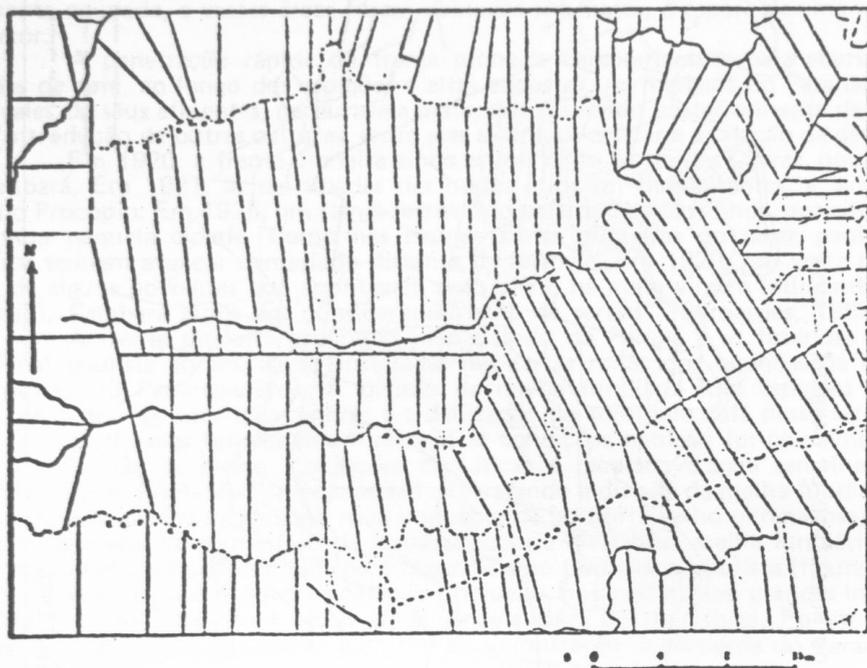
O loteamento dessas glebas (com os demais loteamentos surgidos posteriormente além Tibagi-Paranapanema) seguiu a forma da divisão das tradicionais fazendas de café (os lotes tendo como divisas os espigões e os cursos d'água). Entretanto, predominaram nesses loteamentos as pequenas e médias propriedades, conforme a figura 12.

As colônias fundadas além Tibagi foram: 1.º de Maio e Sertanópolis em 1923; Indianópolis, Floresta, Nova Bahia, Zacarias de Góis e Pirapó, cuja ocupação só ocorreu a partir da década de 30, e em 1929 deu-se o início de demarcações da Cia. de Terras Norte do Paraná (então denominada Paraná Plantation Ltda). No ano de 1930 a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná começou a estender os trilhos para oeste até que em 1935 atingiu Londrina (fundada em 1930), além Tibagi. Na mesma época (1930), completou-se a ligação ferroviária Ourinhos-Jacarezinho-Jaguariaíva (esta última localizada no segundo Planalto). Toda esta área do "norte velho" entrou em florescimento econômico com o café.

Em 1933, a Companhia de Terras Norte do Paraná começou o loteamento. Entre a gleba da Cia. de Terras Norte do Paraná e o Tibagi, surgiram duas colônias: Ibioporã (1935) e Jataizinho. No ano de 1939, o governo abriu na orla das terras da gleba da Cia. de Terras Norte do Paraná, quatro novas colônias: **Içara**, **Jaguapitã** e **Centenário do Norte** de glebas relativamente pequenas, e a oeste, a enorme colônia de **Paranavaí** (figura 8).



Figura 12 – Colônia Sertanópolis



Fonte: Bernardes, 1953; 363.

A área de Porecatu, também de colonização recente, foi ocupada a partir da década de 1940, por elementos vindos de São Paulo através do Paranapanema, e aí estabeleceram grandes fazendas de café. Ao lado dessas, surgiram as propriedades canaveiras, cuja produção se destinava à agro-indústria aí instalada no início da década (Bernardes, 1953; 371).

A ocupação do vale do Paranapanema, tanto de iniciativa particular como estatal (conforme fig. 8), tiveram como base de exploração a cultura do café. Após a primeira fase de ocupação mineira, o café foi o responsável fator de ocupação do solo a partir do final do século XIX.

Tanto a colonização não dirigida como a dirigida, seguiu o modelo característico da divisão das propriedades em relação às condições naturais (do espigão para os vales).

As habitações passaram a ser implantadas no local de ruptura do relevo, da média para a baixa encosta, ponto esse em que as vertentes deixam seu perfil de inclinação suave, para caírem mais abruptamente em direção aos cursos d'água. Tanto nas áreas de colonização dirigida como nas de colonização não dirigida, predominam as habitações mais ou menos alinhadas à meia vertente. Essa disposição do habitat tornou-se funcional principalmente para as pequenas e médias propriedades cafezeiras no vale do Paranapanema, devido as casas se localizarem entre os cafezais e as demais atividades

agro-pecuárias, além da facilidade de água subterrânea existente nessa ruptura de declive (devido à maior proximidade à superfície do lençol freático).

Queremos salientar que as formas e o tipo de exploração das antigas águas, como das propriedades cafeeiras no vale do Paranapanema, mantiveram-se funcionais em relação às condições naturais (principalmente quanto às formas do relevo). Mas esse fato não quer dizer que a subdivisão da terra em propriedade privada (seja tipo aguada, propriedade cafeeira tradicional ou pequenos lotes de colonização dirigida) tenha sido funcional para a sociedade como um todo na área, pois, organizar o espaço agrário para explorar o solo mais racionalmente, em relação às condições naturais, é **funcional** e possui uma racionalidade científica; mas, organizar esse espaço em propriedade privada da terra, e justificá-lo como a melhor forma ou forma ideal de exploração racional do solo, é **ideológico**.

Apesar de ter sido o café o fundamento básico da organização agrária e da exploração da terra no vale do Paranapanema, esse tipo de exploração foi complementado com a criação de gado, ou com o algodão, o arroz, o milho, a batata, etc. Ao lado das propriedades cafeeiras, formaram-se nas baixas encostas e fundos dos vales (tanto do Paranapanema como de seus principais afluentes), grandes fazendas de gado, vendidas a preços inferiores, em relação às propriedades cafeeiras nos espigões. O café sempre dominou no vale do Paranapanema no plano dos 400-600 metros, fugindo dos vales e baixadas, deixando esses setores para pastagens e outras culturas.

Outra cultura comercial além do café, que tornou-se importante na área a partir da década de 1930 foi o algodão. O algodão no vale do Paranapanema, surgiu associado à pequena propriedade, que se ampliou na área devido à crise econômica de 1929 (resultando na subdivisão de grandes fazendas de café e a colonização dirigida baseada em pequenas e médias propriedades). Monbeig demonstra que a fragmentação da propriedade apresentava-se mais acentuada nos municípios produtores de algodão, onde a superfície média plantada em algodão na franja pioneira, era de 10 alqueires no ano de 1945. O plantador de algodão no vale do Paranapanema constituiu-se essencialmente de pequenos proprietários. Uma plantação onde o algodão era a cultura principal não ultrapassava raramente 5 alqueires, tornando-se uma cultura típica de pequena exploração rural (Monbeig, 1952; 256/257). Nas pequenas e médias propriedades cafeeiras, o algodão dominou e domina a média e baixa encosta, completando como garantia a esses sítios, contra os riscos apresentados por uma única cultura comercial, o café.

A partir do início da década de 1940, desenvolveu-se no vale do Paranapanema uma outra cultura, a cana-de-açúcar que passou a ampliar cada vez mais na área, através das agroindústrias e propriedades fornecedoras que se instalaram paulatinamente, estabelecendo uma nova organização agrária em sua área de domínio.

#### BIBLIOGRAFIA

1. ABREU, Dióres S. — 1972 — **Formação Histórica de Uma Cidade Pioneira Paulista: Presidente Prudente**. F.F.C.L. de Presidente Prudente, 339 pp.
2. AB'SABER, A.N. — 1954 — **A Geomorfologia do Estado de São Paulo**, in Aspectos Geográficos da Terra Bandeirantes, IBGE, pp. 1/98.
3. ARAUJO FILHO, J. Ribeiro — 1956 — **O Café, Riqueza Paulista**, in Boletim Paulista n.º 23, julho, São Paulo, pp. 78/135.
4. BERNARDES, Lysia M.C. — 1953 — **O Problema das Frentes Pioneiras no Estado do Paraná**, in Revista Brasileira de Geografia n.º 3, Ano XV, julho/setembro, CNG, IBGE, Rio de Janeiro, pp. 337/381.

5. BERNARDES, Nilo — 1952 — **Expansão e Povoamento no Estado do Paraná**, in Revista Brasileira de Geografia n.º 4, Ano XIV, outubro/dezembro, IBGE, CNG, Rio de Janeiro, pp. 427/451.
6. BIGARELLA, João J. — 1947 — **Esboço das Relações Entre o Relevo Topográfico e a Estrutura Geológica do Estado do Paraná**, in Bolegim Geográfico n.º 54, Ano V, setembro, IBGE, CNG, pp. 659/668.
7. BIGARELLA, João J. — 1958 — **Esboço da Geologia e Paleogeografia do Estado do Paraná**, in Boletim Geográfico n.º 143, IBGE, CNG, Ano XVI, março/abril, p. 221.
8. BRAY, Silvio C. — 1980 — **A Cultura da Cana-de-Açúcar no Vale do Paranapanema** — Um Estudo de Geografia Agrária. Tese de Doutorado — USP.
9. BRAY, Silvio C. — 1977 — **Os Postulados da Análise Funcionalista na Geografia e Seus Aspectos Ideológicos**. Boletim Paulista de Geografia, n.º 54, pp. 29/39.
10. COBRA, Amador N. — 1923 — **Em Um Recanto do Sertão Paulista**, Tipografia Hennies Irmãos, São Paulo.
11. GIOVANNETTI, Bruno — 1943 — **Esboço Histórico da Alta Sorocabana**, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda., São Paulo.
12. LACERDA DE MELLO, Mário — 1954 — **Aspectos da Geografia do Açúcar no Brasil**, in Revista Brasileira de Geografia, IBGE, CNG, Ano XVI, n.º 4, outubro/dezembro, pp. 467/488.
13. MAACK, Reinhard — 1964 — **Devastação das Matas no Estado do Paraná, Suas Conseqüências e Problemas de Reflorestamento**, in Boletim Geográfico, IBGE, CNG, Ano XXII, n.º 178, janeiro/fevereiro, pp. 40/48.
14. MAGNANINI, Ruth Lopes da C. — 1956 — **Condições Climáticas das Regiões Cafeeiras do Brasil**, in Revista Brasileira de Geografia, IBGE, CNG, Ano XVIII, n.º 3, julho/setembro, pp. 422/438.
15. MONBEIG, Pierre — 1954 — **Os Problemas da Divisão Regional de São Paulo**, in Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante, IBGE, CNG, pp. 181/208.
16. MONBEIG, Pierre — 1952 — **Pionners et Planteurs de São Paulo**, Librairie Armand Colin, Paris, 197 pp.
17. MULLER, Nice L. — 1956 — **Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná**, in Boletim Paulista de Geografia n.º 22, março, São Paulo, pp. 55/97.
18. ROMARIZ, Dora do A. — 1953 — **Mapa da Vegetação Original do Estado do Paraná**, in Revista Brasileira de Geografia n.º 4, IBGE, CNG, Ano XV, dezembro, pp. 597/611.
19. SAMPAIO, Teodoro — 1955 — **Relatório Sobre os Estudos Efetuados nos Rios Itapetinga e Paranapanema (1886)**, in Boletim Geográfico n.º 124, janeiro/fevereiro, Ano XIII, IBGE, CNG, Rio de Janeiro, pp. 44/59.
20. SERVIÇO NACIONAL DE PESQUISAS AGRONÔMICAS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA — 1960 — Comissão de Solos — **Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Estado de São Paulo** — in Boletim n.º 12, Rio de Janeiro.
21. TEIXEIRA, Márcio A. — 1979 — **Organização do Espaço Rural no Município de Paraguaçu Paulista**. Dissertação de Mestrado apresentada junto à Universidade de São Paulo.